

INFORMATIVO S B M JANEIRO

1989



EMBLEMA DO XI ENCONTRO BRASILEIRO DE MALACOLOGIA

1º COLOCADO

Apresentamos o classificado em 1º lugar na eleição efetuada para escolha do molusco símbolo. Por dez votos venceu **Chico reus spectrum** (Reeve, 1846) uma espécie encontrada das Antilhas a té o Brasil, do Maranhão à Bahia. Vive em substrato rochoso ou arenoso de 15 a 55 metros de profundidade e é facilmente coletada em armadilhas de lagostas no Ceará. Gostaram do resultado? Nos próximos Informativos apresentaremos os demais classificados!

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MALACOLOGIA

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA - INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS U.S.P.
C.P. 20,520 CEP 01498 SÃO PAULO-SP

DIRETORIA PERÍODO 1987/1989

PRESIDENTE: WALTER NARCHI

VICE-PRESIDENTE: JOSÉ LUIZ MOREIRA LEME

1º SECRETÁRIO: OSMAR DOMANESCHI

2º SECRETÁRIO: TOSHIE KAWANO

1º TESOUREIRO: JULIO COLELLA

2º TESOURETRO: SÖNIA GODOY B.C. LOPES

EDITORES DE NOTICIÁRIO: WALTER NARCHI, KAORU HIROKI, JORGE F. VAZ

SUMÁRIO

O símbolo do XI E.B.M	1
Sumário	2
Informes da Presidência	3
Programas e futuros projetos	4
As doenças das coleções e os possíveis remédios 5-6-7	-0-9-10-11-12
Sugestões para preparar as partes moles para pos-	
terior estude	13-14
Página do môsto	15-16-17
Correspondencia recebida	18-19
Publicações recebidas	20



VIA C. Federici, 1 - Tel. 511.01.92 00147 ROMA (Bally) REVISTA BIMENSAL - EDICOES EM ITALIANO E EM INGLÉS Assinatura Anual: USS 17,00 VIA Marítima : USS 24,00 VIA Aèrea Majores informações com F. MUSCATILLI a/c da S.B.M.

INFORMES DA PRESIDÊNCIA

Estamos nos preparando para o XI Encontro Brasileiro de Malacologia em julho próximo futuro. Não temos mais do que seis meses para estarmos juntos novamente: resumos dos traba - lhos que serão apresentados deverão estar em nossas mãos muito em breve e um sem número de pequenas providências deverão ser tomadas! Esta Diretoria já sabe como a organização do Encontro empolga e como pode trazer satisfação. No entanto, temos vários assuntos durante o Encontro que merecerão destaque. A primeira circular será enviada no próximo mês e aguardamos a disposição dos associados para relacionar idéias que serão analisadas, talvez aceitas ou adaptadas durante o XI E.B.M.

No dia 25 de janeiro foi realizada a apuração da eleição do molusco símbolo para o Encontro e o resultado foi o
seguinte - 31 votos assim distribuidos: Chicoreus spectrum (Ree
ve, 1846) - 10 votos (1º lugar); Lepton cema (Narchi, 1966) 8 votos (2º lugar); Haliotis pourtalesii Dall, 1881 e Chlamys
ornata(Lamarck, 1819) - 3 votos (3º lugar); Murixiella hidal goi (Crosse, 1869) e Astraea phoebia Röding, 1798 - 2 votos
(4º lugar); Anadara brasiliana (Lamarck, 1891), Diodora listeri (Orbigny, 1842) e Bulla striata Bruguière, 1792 - 1 voto
(5º lugar).

Sendo assim o molusco símbolo do XI EBM 1989 é a espécie Chicoreus spectrum (Reeve, 1846), espécie encontrada das Antilhas até o Brasil, do Maranhão à Bahia. Sentimos que o número dos sócios que votaram seja tão baixo. Vamos esperar que numa próxima vez a votação seja mais expressiva!

1

PROGRAMAS E FUTUROS PROJETOS

COORDENADORIA DE BÃO PAULO REUNIÃO MENBAL

A Coordenadoria de São Paulo não realizou, como sempre faz, a reunião mensal no mês de janeiro uma vez que a maioria dos associados se encontra em férias. Aliás as reuniões mensais não são realizadas em janeiro e julho. No entanto, ficamos com a recordação agradável da festa de dezembro quando reunimos quarenta e uma pessoas na Confraternização de Natal. No próximo mês reiniciare mos nossos encontros com muita atividade quer no metor colectonistico quer na parte de palestras. Conforme o que foi feito no ano passado já elaboramos um cronograma dessa atividade para a qual pedimos aos associados que se filiem para tornar nossas reuniões ain da mais proveitosas.

COORDENADORIA DE PERNAMBUCO

Recebemos da Coordenadora da SBM no Estado de Pernambu co, sócia ROSA DE LIMA SILVA MELLO, o seguinte relatório:

"Informo que encerramos nossas atividades de 88 no dia 15 de dezembro. Naquela oportunidade assistimos inicialmente a um documentário sobre o cultivo de ostras no Parana e em Cananata, uma demonstração comparativa do cultivo artesanal e de milivo técnico. Nessa oportunidade contamos com a presença de alunes de Malacolo — gia do Curso de Graduação em Engenharia de Passa e de alunes que estavam realizando na outra Universidade, a UFFE, curso de especia lização em Oceanografia, além dos poucos montos que temos por aqui. A presença do alunedo sucitou debates enriquendores durante o encontro.Participou também a Profa. Deusinete Oliveira, em gozo de férias do Curso de Doutorado que realiza em Maraelona, fazendo bre ve exposição sobre o seu curso e sobre a vida universitária naquele país. Finalmente nos confraternizamos ja pelo Matal que se apro ximava e encerramos o calendário previsto para 88 num ambiente de muita vibração pelo progresso da Malacologia."

AS DOENÇAS DAS COLEÇÕES E OS POSSÍVEIS REMÉDIOS

Maurice Lucas-Nunnink

Solicitamos portanto ao Senhor Maurice Lucas-Nunnink a autorização para traduzi-lo do original e publicá-lo no Boletim da SBMa, solicitação esta prontamente atendida.

O Senhor Maurice Lucas-Nunnink é colaborador científ<u>i</u>
co do "Institut Royal des Sciences Naturelles de Belgique". Este artigo é um capítulo do interessantíssimo trabalho (aguardan
do publicação) de "Faune de Belgique Mollusques Marins".

Fascicule 10 - lère partie - Chapitre 6 - ler volume.

Esperamos que os leitores encontrem soluções para os seus problemas e os colecionadores novatos conhecimentos prove<u>i</u> tosos.

Na maioria das vezes as coleções conquiliológicas tem a vantagem de serem douradouras, sem precisarem para a sua manutenção de tratos especiais e permanentes. Nos chamaremos aqui, de "doenças", os casos cujas causas não dependem dos cuidados do colecionador, mas os casos que tiveram suas origens provocadas pela pessoa que coletou a concha pela primeira vez, ou seja, por quem, não a cuidou desde o início conforme as regras básicas para uma adequada conservação.

As causas:

- 1.1. A poeira: deve-se tirar o pó das coleções com cuidado e com uma certa frequência.
- 1.2. A morte do animal: As Cypraea e as Oliva perdem muitas vezes o brilho depois da morte do animal.
- 1.3. O zelo do colecionador: Muitos colecionadores querem possuir somente exemplares impecáveis. Não tem dúvida que é uma coisa de admirar; mas também não é admissível de que

- alguém chegue ao ponto extremo ao qual chegou um nosso ve lho amigo, que para ter uma peça linda, poliu com uma lixa
 superfina algumas Cypraea, que tinham perdido as cores; des
 te jeito ele chegou a resultados contrários ao desejado.
- 1.4. A maceração: se esperarmos a completa decomposição das par tes moles, altera-se muitas vezes as cores das conchas des truindo-se até o perióstraco.
- 1.5. A fervura: se prolongada pode correr o risco de rachar o esmalte de conchas como Cypraea, Oliva, ecc., ecc.
- 1.6. A luz: faz perder a coloração das conchas e as torna opacas em curto espaço de tempo; este é o motivo pelo qual as con chas que são expostas, sem nenhum critério nos Museus, não possuem mais as cores vivas e naturais das conchas protegi das da luz direta.
 - As coleções importantes são sempre guardadas em moveis ou quartos bem resguardados de incidência de lum forte. Por exemplo, o Solecurtus strigillatus quando expesto por muito tempo a uma luz direta, perde as suas belas nuances rosa e fica completamente branco, enquanto a Myaloea que é de um amarelo translúcido, torna-se branca opaca. De qualquer modo as conchas devem ser protegidas da incidência da luz forte e direta, pois corre-se o risco de vê-las em breve tempo sem as cores originais. As novas salas do "Musee de l'Institut Royal de Sciences Naturelles de Belgique", dão um exemplo real de como proteger as conchas da incidência direta da luz.
- 1.7. O sol: A exposição ao sol para acelerar a putrefação ou a dessecação das partes moles, não somente produz o descoramen to das conchas, mas as torna frágeis e friáveis. Aquelas por exemplo, que possuem parede fina como Pinna e Anodonta se racham e com o tempo se quebram. As espécies cuja concha é feita em camadas como as Ostrea se enmigalham.
- 1.8. As pancadas e os atritos: as conchas jogadas contra superfícies ou objetos duros, podem quebrar ou trincar.

- 1.9. Os fungos: atacam as conchas conservadas em locais muito úmidos (ou em saquinhos plásticos fechados n.d.t.) e deixam a superfície da concha opaca.
- 1.10. O contato prolongado com materiais propensos a mofar, carcomer, oxidar e descorar.
- 1.11. As mudanças bruscas das condições atmosféricas com fortes desníveis de temperatura, provocam trincas, rachaduras e fen das.
- 1.12. O excesso de umidade cria fungos e mofo.
- 1.13. O excesso de estiagem: provoca a dessecação da parte protéica da concha, muitas vezes acompanhada pela formação de depó sitos esbranquiçados de pó branco, carbonato de cálcio amorfo. O autor pode observar um caso de formação de um depósito cristalizado parecido com a calcita. Fato curioso: este fenó meno não se verificou sobre todas as conchas no mesmo período (simultaneamente), mas parece que aconteceu especialmente sobre as conchas coletadas mortas ou deixadas secar ao sol ou que sofreram uma grande fervura. Poderíamos supor que a substância protéica tenha sofrido uma espécie de polimerização inicial, e que esta se desenvolve em um processo mais ou menos longo.
- 1.14. Falta de aeração: especialmente para as conchas com periós traco, a falta de aeração pode facilitar a formação de depósitos externos de ácido butírico.
- 1.15. A presença de minúsculos insetos: Estes se nutrem da epiderme (cutícula).
- AS DOENÇAS: (Os números entre parêntesis referem-se aos números dos "remédios").
- 2.1. As cores ficam mais apagadas, as conchas se descoram com:
 - luz muito forte (7, 15)
 - dessecação ou exposição ao sol (3, 7, 15)
 - dilaceração da concha no momento da limpeza (4, 15)

perda da ornamentação (3, 4, 15)

- 2.2. O brilho se ofusca quando:
 - é atacado por fungos em ambiente muito úmido (10, 11, 15)
- diminui o componente protéico da concha (1, 7, 10)
 - falta de aeração, presença de ácido butírico (11)
 - excesso de dessecação (10, 15)
- atrito contra outros objetos mais duros
 - contato prolongado com materiais propensos a mofar, oxidar ou corroer (10, 11, 12,15)
- conchas coletadas depois da morte do molusco (5, 7)
- excesso de zelo por parte do colecionador (13)
- poeira (13)
- falta de enxagüe depois da limpeza (2)
- 2.3. A concha fica branca e opaca por causa de:
- exposição ao sol e à luz ou por ter mido coletada depois da morte do molusco (3, 5; 7, 14)
 - excessiva dessecação (10)
- 2.4. O esmalte se fende (trinca) por
 - ebulição prolongada (1)
- pequenas batidas (1,12)
- 2.5. As conchas estratificadas se esfarelam por
- dessecação ou demasiada exposição ao sol (3, 5, 7, 14, 15)
 - demasiada aridez (estiagem) (10)
- 2.6. As conchas finas fendem-se por
- contato com objetos mais duros (12)
 - dessecação ou demasiada exposição ao sol (3, 5, 7, 14, 15)
 As fendas podem também serem produzidas depois de um longo
 período na coleção por
 - fortes desníveis de temperatura (1, 3, 7, 14, 15)
 - demasiada aridez (estiagem) (10)
- 2.8. O perióstraco se estraga por
 - dilaceração na hora da limpeza (4)
 - presença de insetos minúsculos (9, 11)

- bolor (10, 11)
- depósito de ácido butírico (11)
- falta de aeração (11)
- fervura demasiadamente longa (1)
- 2.9. As manchas sobre as conchas são provocadas por
 - manchas de depósitos de sal que aparecem depois que as con chas foram mal enxugadas (2)
 - petróleo, óleo ou verniz (6)
 - contacto com materiais descolorantes (10, 12)
- Depósitos esbranquiçados de pó, duros ou mais ou menos densos são provocados por
 - aparecimento de ácido butírico (11)
 - excesso de dessecação (10, 15)
 - falta de enxagüe (2)
- 2.11. Riscos na superfície são provocados por
 - contacto com outros objetos mais duros (1, 12, 15)
- conservação das peças uma em cima da outra sem nenhuma protegão entre si (12, 15)
- 2.12. Mau cheiro e presença de insetos são provocados por
 - insuficiência de limpeza e de enxague (8)

OS REMÉDIOS

- 1 A fervura das conchas com o molusco internamente deve durar somente alguns minutos, e em linha geral a operação deve ser feita com uma concha de cada vez, pois a ebulição provoca choques sucessivos da concha contra as paredes do recipiente ou de outras conchas, arriscando deste modo de estragar o perióstraco e a superfície brilhante.
- 2 A limpeza deve ser minuciosa e o enxagüe deve ser feito de preferência com água de chuva para evitar depósitos salinos.
- 3 A secagem depois da limpeza deve ser feita à sombra, nunca ao sol, lentamente e em ambiente ventilado. Em último caso pode--se utilizar um termosifão com temperatura não muito elevada, e intercalando as conchas com papel absorvente. Não deixar nun

ca as conchas no ambiente depois de secas.

- 4 A dilaceração do molusco é deletéria para a concha. Para aque las, cujo perióstraco já se encontra estragado é conveniente retirá-lo completamente imergindo a concha em "água de lava deira" diluída, por algumas horas. Se as cores ou os desenhos estiverem também estragados, recorrer ao tratamento (15).
- 5 Colecionar de preferência somente exemplares coletados vivos.
- 6 Imergir várias vezes em hidrocarbureto leve (ex. diesel); infelizmente depois desta operação, muitas vezes a concha deverá ser jogada fora por ter-se estragado por completo. Pode-se experimentar outros solventes.
- 7 Uma concha não deveria nunca ficar exposta a uma luz muito forte, aos raios solares, mesmo na fase de secagem, depois da limpeza ou durante a permanência na coleção (ou em exposições ~n.d.t.). Evitar o calor muito forte na fase da secagem.
- 8 Uma concha não deve ser nunca colocada na coleção se for completamente e perfeitamente limpa e seca. Se for necessário de ve-se amolecer eventuais partes moles para serem retiradas; é conveniente polvilhar um inseticida.
- 9 Não existe outra solução senão aquela de polvilhar um inseticida e remover o perióstraco com "água de lavadeira" diluída. Enxaguar muito bem várias vezes e deixar secar.
- 10 Controlar a umidade. Em princípio as coleções deveriam ser conservadas em ambientes relativamente secos e pouco aqueci dos. Apesar disto uma certa umidade no ar torna-se necessária (60 - 70%) (ver 15).
- 11 A coleção deve ser bem arejada, de outra forma, formar-se-á depósito mais ou menos espesso de ácido butírico, insetos e mofo. Pode-se tentar salvar a concha, se não estiver muito es tragada, com um tratamento de "água de lavadeira"; enxaguar muito bem, secar e ungi-la conforme nº 15 abaixo.
- 12 Os exemplares devem ser conservados isolados, nunca amontoa dos em contato com outras conchas ou com outros objetos con -

tundentes.

- 13 As coleções devem ser limpas, o pó retirado ao menos uma vez por ano, usando para isso um pano macio ou lenço de papel tipo "Kleenex"; nunca fazer esta operação com muito afinco e força; esta operação deve ser a ocasião de se verificar se al guma coisa de anormal está acontecendo à concha (e de apreciá -la novamente n.d.t.). Para determinadas conchas é aconselhável usar um pincel macio.
- 14 Às vezes pode-se evitar este inconveniente, ungindo a concha com uma leve camada de vaselina, óleo de parafina ou glicerina. A princípio, o ideal seria usar esta última, mas sendo igroscópica, absorve a umidade do ar, umedece demais com o tempo.
- 15 Uma concha estragada nunca deve ser envernizada: para tentar recuperá-la deve-se operar conforme abaixo relacionado:
 - A mergulhá-la na essência de terebentina pura e enxugar com cuidado.
 - B Ungi-la com um dos produtos abaixo citados: A unção vai diminuir o desgaste da matéria protéica, vai melhorar a aparência do desenho, vai aumentar a resistência a agentes externos entre os quais a umidade ou a aridez excessiva; é suficiente uma pequena untada.
 - C Os produtos a usar são os seguintes:
 - cera ao silicone
 - uma mistura formada por 1/3 de álcool etílico, 1/3 de glicerina e 1/3 de óleo de amêndoas doces.
 - óleo de parafina ou mineral muito fluido
 - glicerina (que absorve a água e portanto pode molhar)
 - óleos e gorduras vegetais (ex. óleo de nozes)

Todos estes produtos apresentam o inconveniente de atrair o pó, que pega no material. De algum tempo para cá o autor usa um produto vendido para limpeza de móveis, a base de silicone que está dando ótimos resultados. É suficiente ungir a concha, deixar secar por 48 horas, ungi-las novamente e deixá-la secar novamente por 48 horas. Esfregar enfim com um pano macio ou com um pincel. Es te sistema reaviva as cores e o brilho, formando uma película protetora contra a umidade, é durável, e possue a vantagem de não reter a umidade e o pó. Elimina também a dessecação excessiva e os relativos inconvenientes.

Para repeti-lo, é suficiente refazer a operação acima descrita. Mas desde que estou usando este sistema, e já são cinco anos, nunca precisei repeti-lo. É suficiente limpar de vez em quando as conchas com um pano macio.

Muito importante: Nunca usar esponja plástica como fundo para ca<u>i</u>

xas ou gavetas: alguns materiais usados como m<u>a</u>

téria prima desta esponja, com o tempo se decom

põem e desprendem vapores ácidos que atacam as
conchas.

QUAL O TÍTULO DO TRABALHO QUE VOCÊ
IRÁ APRESENTAR NO XI E.B.M. EM 1989?



Maiores Informações com Renato Moscatelli a/c da S.B.M.

SUGESTÕES PARA PREPARAR AS PARTÉS MOLES PARA POSTERIOR ESTUDO

A ANESTESIA

Numa coleção científica é indispensável conservar o a nimal inteiro. Se for colocado diretamente num líquido conserva dor ele se contrairá dificultando o exame dos cortes histológicos. Portanto, é necessário anestesiá-lo, colocando-o em uma so lução durante o tempo necessário para que ele se distenda e não venha a reagir mais a estímulos externos.

SUGESTÕES

- Colocar o animal em água do mar onde deveremos adicionar cloreto ou sulfato de magnésio (sal de Epsom). O animal fica anestesiado e atordoado pode até sair da concha. Uma solução a 7% de cloreto de magnésio é ótima, também, para hidrozoários, anemonas etc.
- 2) Colocar o molusco em água do mar, polvilhando a superfície com alguna criataia de mentol. Após algumas horas, o animal se anestesia e não raras vezes em completa expansão.
- Bivalves e gastropodes, mem conchas externas: usar uma so lução aquosa de hidrato de cloral a 1%.
- 4) Outros gastrópodos: uma solução preparada da seguinte forma: dissolver 10 gr. de cloridrato de hidroxilamina em 100 co de água do mar; neutralizar até que não ocorra mais efervescência com o carbonato de sódio, completando o volume de 1 litro de água do mar.

A CONSERVAÇÃO

Depois da anestesia o animal deve ser colocado em um líquido conservador.

1) - Em seguida, a solução proposta pelo Professor Lameere:

Água destilada	1150	00
Sal marinho	100	gr
Alume amoniacal	50	gr

Dissolver e filtrar, depois acrescentando iodeto de potássio - 10 centigramas - e, em seguida, uma solução de 50 cc de água destilada e 5 centigramos de sublimato corrosivo. Esta solução deve ser utilizada para os moluscos e também para as medusas.

- Esta solução apresenta a vantagem de proteger as cores e as estruturas anatômicas.
- 2) Solução de formol a 4 ou 5%.A encontrada na praça a 40% de ve ser dividida para aproveitamento em 10 vezes. A um 1i tro de solução devem ser acrescentados 25 cc de uma solu ção aquosa saturada de borax. Possue a vantagem de não alterar as cores e de não tornar os objetos opacos. Tem, porém, uma desvantagem: torna as partes moles duras e impróprias para posteriores pesquisas microscópicas.
- 3) Álcool etílico a 70% ou álcool puro: 700 cc; acrescentar á gua destilada 300 cc. Nestes casos, o melhor é colocar a peça, antes, numa solução de formol durante alguns dias.Somente após esse período, colocá-la no álcool.
- Alcool etílico: 70% com 30% de álcool isopropílico. É muito bom para as partes moles.

BIBLIOGRAFIA

- Maurice Lucas Nunnink
- Fauna da Bélgica, Moluscos Marinhos Fascículo 10

1ª Parte: o "habitat"

Capítulo 61 - Coleta dos Moluscos Marinhos, preparação e colocação em coleção.

PARTICIPE DO XI EBM!

EM JULHO DE 1989 ESTAREMOS JUNTOS PARA MAIS UM ENCONTRO, CONTAMOS COM VOCÊ:

PÁGINA DO SÓCIO

COLETANDO CONCHAS NA... MITOLOGIA

Adamo Pasquarelli

As conchas não têm história; ou melhor, elas são a própria História.

Existem há milhões de anos. Encontramo-las já na pré--história, e os túmulos egípcios atestam seu prestígio entre as populações primitivas, para as quais serviam de base alimentar. Em algumas zonas costeiras, até hoje mão a principal fonte de proteína para os nativos.

As conchas possuem uma trajetoria brilhante através dos tempos: foram símbolo de chefia e poder; serviram de moeda corrente (Cypraea moneta, Pecten, Charonia). No tempo de Alexan dre, o grande, a Cypraea circulava como moeda na Índia, como também na América pré-colombiana, e mais tarde, na Tailândia e Birmânia.

Eventualmente foram armas e ferramentas. Ainda é co - mum no Nordeste, servirem como buzina em navios durante o nevo- eiro.

Em Pompéia, as mulheres as usavam como amuleto contra a esterilidade. Em recentes escavações, foi encontrada na cidade moterrada pelo Vesúvio, uma excelente coleção de conchas. Temos notícia de que no século 2º a.C. os cônsules romanos Lae lius e Scipio colecionavam conchas marinhas.

No mundo inteiro, quer em casas, quer em pessoas, são requintados objetos de adorno; andaram em colos régios e são or namento impar em grandes catedrais do mundo cristão.

De onde lhes vem esse fascinio? Que força estranha en cerram para impulsionar milhares de amadores, sequiosos por encontrar mais uma nova concha para somar a suas coleções?

Essas obras-primas da natureza oferecem uma gama ime<u>n</u>
sa de motivos para um sério estudo científico, ou para o enlevo

da alma, ou fantasia da mente.

São humildes. Milhões delas se ocultam na região bentônica; nunca se oferecem, mas sua atração é irresistível.

Artistas da envergadura de Rembrandt, Rubens , Correggio, Verrocchio, Botticelli, Raffallo, Cellini, da Vinci e outros gigantes da arte se extasiaram diante da beleza incomparável desses colibris aquáticos. O gênio de Aristóteles tam - bém lhes rendeu justa homenagem.

Vou exemplificar sumariamente: 0 "Nascimento de "Ve nus" de Botticelli, surge de uma Pecten; em concha do mesmo gênero, Raffaello retratou "Galatéia". O impressionista belga James Ensor pinrou "Les Coquillages", tela magnífica onde se en contram Strombus gigas, Turbo, Charonia tritonis e Cassis.

Compostela - centro religioso da Espanha, mundialmente famoso - tem uma "Vieira" no emblema da cidade.

Não sabemos o que nelas mais nos encanta. Será a policromia incomparável? A morfologia exótica? Afinal, que mistério as circunda? Diante de uma concha pequenina ou de uma Tridacna gigas, que pode atingir até 250 quilos, os lábios emudecem e nossa alma se extasia.

Jamais o poeta foi mais feliz como na expressão: "Tantus decor affuit arti" ou seja, nunca tanta beleza se juntou à arte.

O círculo humano era por demais restrito para conter a imaterialidade das conchas. Os poetas extrapolaram seus sent<u>i</u> mentos e brindaram os deuses.

Ovídio, o mais espontâneo e abrangente dos poetas latinos, canta com inigualável mestria as "Metamorfoses". Penso que é no "Repovoamento do Mundo" que o gênio de Mântua atinge as culminâncias do seu estro.

Para relembrar o episódio referido, bosquejo;

Após o dilúvio, Júpiter quer repovoar a Terra, atra vés de Deucalião e Pirra. Convoca seus auxiliares, expõe-lhes o plano e o executa. Diz o autor de "A Arte de Amar":

"Nec maris ira manet; positoque tricuspide telo

Mulcet aquas rector pelagi, supraque profundum

Extantem atque innato murice tectum

Caeruleum Tritona vocat, conchaeque monanti

Inspirare jubet, flectusque et flumina migno

Jam revocare dato. Cava buccina sumitur illi

Tortilim, in latum quae turbine cremeit ab imo,

Buccina quae medio concepit aera ponto

Litora voce replet sub utroque jacentia Phoebo."

A cena é de inexcedível beleza, embora a linguagem do méstica não a retrate com fidelidade. Vou tentar:

"Tritão, o corneteiro de Netuno, com os ombros cobertos de conchas marinhas, estava debruçado sobre o abismo. Netuno, o senhor do mar, aplaca as ondas. Manda que Tritão assopre sua reboante concha. (1) Com o clangor dessa busina, convoca todas as conchas. Ele toma a concha recurva, que cresce em largura no fundo de sua forma arredondada: a concha, recebendo o ar no meio do pélago, atroa com sua voz as praias situadas onde de manhã nasce o Sol e à noite ele se esconde."

Hasta. Não devo profanar esse santuário frequentado somente por aquela minoria privilegiada pelos deuses, assim como não posso devassar as fossas abissais, arcano das conchas.

Bibliografia

MOSCATELLI, Renato - Conchas Marinhas nos Selos -S. Paulo - s/d. Publii Ovidii Nasonis - Metamorphoseon - Liv.I, 330-38. Saraiva -S. Paulo - 1953.

(1) É a famosa Charonia tritonis, de onde lhe prevém o nome.

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

- da sócia TERESA CRISTINA TAVANO PERET (SP), encaminhando pagamen to da anuidade.
- do sócio RICARDO GATTO UMPIERRE (RS), encaminhando pagamento da anuidade e solicitando o valor do Informativo.
- da sócia MONICA LACROIX WACKER (RS), encaminhando pagamento da a nuidade, solicitando informações sobre o Depto de Zoologia e encaminhando votos de feliz Ano Novo.
- da sócia ANA MARIA RIBEIRO (SP), encaminhando pagamento da anuidade.
- da sócia MARILIA DE CARVALHO BRASI (RJ), encaminhando pagamento de anuidade, solicitando informações sobre o Congresso Interna cional de Malacologia Médica e Aplicada e retribuindo os votos de Boas Festas encaminhadas.
- do sócio MARIO DONIZETI DOMINGOS (SP), encaminhando pagamento da anuidade.
- do sócio RICARDO SILVA ABSALÃO (RJ), encaminhando pagamento da a nuidade, comunicando novo endereço para correspondência e encaminhando uma separata de seu trabalho (Ver em outro local no Informativo de fevereiro).
- do sócio VLADIMIR TEÓFILO FRAGNAN FILHO (SP), encaminhando pagamento de anuidade.
- de ALEJANDRO FABIAN SUAREZ (Argentina), pedindo o envio dos Informativos que deixou de receber; encaminhando um belo cartão desejando Paz e Felicidade para o período de Festas e um Próspero e Venturoso Ano Novo.
- do sócio GILBERTO SEBASTIÃO CASTILHO FILHO (SP) encaminhando a cédula de votação do molusco símbolo e seu novo endereço para correspondência.
- do sócio FÁBIO HENRIQUE ASSUMPÇÃO COSTA (RJ) encaminhando cópia do artigo publicado no Jornal do Brasil em 26.12.88 para partici par aos sócios através do Informativo SBMa (Ver em outro local no Informativo de fevereiro).
- de CAROLINA M. BORI, Presidente da SBPC encaminhando as conclusões da reunião de 16.01.89 para informação da SBMa (Ver em outro local no Informativo de fevereiro).
- da 13th. Edition of a SHELLER'S DIRECTORY OF CLUBS ... 1989.
- de MONICA FOURIER (RS), agradecendo o envio dos Informativos números 52 a 59; encaminhando seu endereço para repassar ao associado ULRICH SCHIERZ a correspondência enviada; desejando a Di retoria um Feliz Ano Novo, repleto de saúde e de realizações.

- da socia AIMÉ RACHEL M. MAGALHÄES, agradecendo o envio dos Informativos de números 81 a 85; aproveitando para desejar aos mem bros da Diretoria e Editores um ano de 1989 repleto de realiza ções com muito ânimo, força, amor e ... conte com a gente! Obrigado: pode estar certo que contamos mesmo!
- do mocio GONTRAN DE SOUZA SANTIN (RE), solicitando verificar sua situação junto à SBMa; informando que o último Informativo que recebeu foi o de nº 80; desejando um próspero Ano de 1989.
- de CAIO MÁRIO CASTRO DE CASTILHO da Secretaria Regional da SBPC (Bahia) solicitando da SBMm manifestação sobre a criação da Fundação de Amparo à Pesquisa naquele estado.
- da sócia STEFANE DE LYRA PINTO (PE), encaminhando cédula de vota ção de melusco símbolo.
- do mocio LUIZ ALONSO FERREIRA (SP) comunicando que a Fundação Mu seu do Mar realizará o Curso de Mergulho Autônomo Amador Avançado de 16.01.89 a 29.01.1989. Informação e inscrição à R. Repúbli ca do Equador nº 81. Santos SP.
- de CAROLINA M. BORI, Presidente da BRPO telegrama convidando para a reunião da BBPC e Academia Brasileira de Ciências a fim de discutir relatório do Grupo de Trabalho, MCT, em 16.01.89 no Auditório Abrahão Morais, IF USP.
- da sócia ROBA DE LIMA SILVA MELLO (PE) desejando um Ano Novo muito Feliz, encaminhando relatório das atividades da Coordenadoria (Ver em outro local deste Informativo); mollottando informações sobre a publicação dos ANAIS.
- de MARCO ANTONIO FANONI (PR) encaminhando proposta para associar
 se à SBMa.
- da sócia MARIA CRIBTINA DREHER MANSUR (RS) encaminhando carta de THIERRY BACKELJAU do Instituto Real de Ciências Naturais da Bélgica pedindo informações sobre a SBMa.
- da AGAXTUR encaminhando para fins do conhecimento da SBMa os ser viços que são regularmente prestados pela Agaxtur Turismo atra vés de seu Departamento de Congressos e Eventos.

CORRESPONDÊNCIA DEVOLVIDA

- ANTONIO LUIZ DO AMARAL REGO FILHO (SP), com a notificação da Empresa Brasileira de Corretos e Telégrafos: MUDOU-SE!
- MARIA JULIA MARTINS SILVA (RJ), com a notificação da Empresa Bra aileira de Correios e Telégrafos: MUDOU-SE!

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

PERIÓDICOS

- SUMÁRIOS CORRENTES BRASILEIROS Ciências Exatas e Biológicas v. n. 9: 1-121, set. 1988, Brasília
- SUMÁRIOS CORRENTES BRASILEIROS Ciências Exatas e Biológicas v. n. 10: 1-82, out. 1988, Brasília
- C & T NOTÍCIAS

n. 16: 1-8, nov.dez. 1988, R. Janeiro

- RELATÓRIO FINAL DO PROJETO FIC-PAHO-MCT, CNPq, 1-28 pp. 1-28 pp. Agosto 1987
- BOLETIM INSTITUTO OCEANOGRÁFICO v. 35 n. 1: 1-101, 1987 São Paulo
- BOLETIM INSTITUTO OCEANOGRÁFICO v. 35 n. 2: 103-168, 1987 São Paulo
- IBERUS Revista da Sociedade Espanhola de Malacologia v. 7(1): i-vi+l-145, 1987 Barcelona
- IBERUS Revista da Sociedade Espanhola de Malacologia v. 7(2): 146-242, 1987 Barcelona
- TARAWERA A Memorial Exhibition Nat. Mus. New Zealand. Misc. Series No. 14 (1986) Co-ordinator: Bronwyn Simes
- THE FESTIVUS Uma publicação do San Diego Shell Club v. 20(11): 109-117, 1988

Colaboração:



KODAK BRASILEIRA COMÉRCIO E INDÚSTRIA LTDA.



HOECHST DO BRASIL QUÍMICA E FARMACEUTICA S.A.

Antonio A. Nano & Filho Ltda.